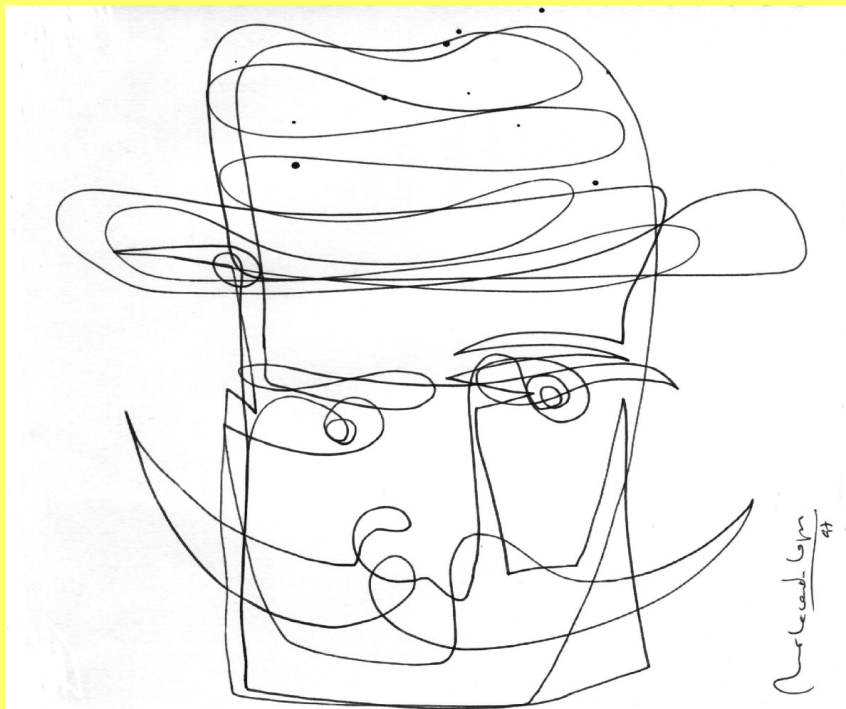


Poesia Completa

Manuel Laranjeira



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Prefácio

*A Fonseca Gaspar,
espírito lúcido e desassombrado*

Por estarmos convictos disso mesmo, é que este livro leva o título que leva, Poesia Completa. Provável é que a palavra «completa» esteja deslocada ou a mais neste rótulo. Por «completa» entender-se-á tudo a que não falte porção para formar um todo. Isto, objectivamente, como é óbvio.

Voluntária e conscientemente assumimos o risco de errar em atenção a duas razões, a saber: a primeira deduz-se do que acima ficou escrito; a segunda releva da tentativa de trazer ao conhecimento público mais um(s) ou outro(s) poema(s) que quaisquer cabouqueiros das letras lusas ou apaixonados pela obra do malgrado poeta e escritor tenham dele(s) conhecimento. Se assim acontecer será motivo de festa para o nosso espírito nesse dia, já que se juntará (ou juntarão) –ao muito que se conhece do desventurado suicida– mais alguma produção do seu brilhante e atribulado espírito. Que os deuses (metaforicamente) estejam connosco.

Em carta de Espinho, datada de 6 de Dezembro de 1909 e enviada a António Carneiro que se encontrava em Paris, desabafa Laranjeira a propósito da sua poesia:

«Hoje mando-lhe apenas dois sonetos antigos e uma poesia recente –De Jornada– monótona, apesar do seu ritmo brusco e áspero (o ritmo dos sonhos maus, dos pesadelos), que lhe dará um pouco a ideia daquilo a que você chama –"a minha imaginação sombria, outrée". O que eu queria sobretudo enviar-lhe era o começo dum poema (poema sem fim, que será o longo



monólogo do meu drama interior) escrito em tercetos à maneira dantesca; mas desisto, porque esse começo já é bastante longo (cerca de cento e cinquenta tercetos) e porque teria de estar-lhe a maçar a paciência com um preâmbulo muito comprido. Ficaré para quando você estiver em Portugal.

Esse poema é para mim (como direi?) – o meu Livro de Horas de desesperação e tédio. É um diálogo comigo mesmo, e, como vê, esses diálogos só terminam quando morremos: melhor – é o monólogo do meu drama interior.»

Pela nossa parte entendemos que os prefácios são o que são, isto é, «a crítica é apenas um comentário que traduz uma impressão, ou uma análise: pode explicar a obra de arte, mas nunca validá-la ou invalidá-la», palavras judiciosas de Laranjeira.

No mesmo sentido, o autor do Livro do Desassossego escreveria por sua vez uns bons pares de anos mais tarde: «A crítica é em suma, todo o artifício que é feito com inteligência, e sem fim social nenhum. Desde que sirva um ideal em vez de uma impressão, a crítica é falsa como crítica, não é crítica, em suma, mas só opinião.». Daqui abstermo-nos de analisar, criticar, encomiar e catalogá-la nesta ou naquela corrente estético-literária. Aliás, o que a nós nos agrada sobremaneira poderá desagradar ao nosso vizinho. É prerrogativa sine qua none da realidade da própria vida.

«Interpretar é não saber explicar. Explicar é não ter compreendido», escreveu ainda algures o inquilino do nº 16 da Rua Coelho da Rocha.

Que cada um sinta e se emocione à sua maneira com estes versos que são o produto de uma mente enfebrecida e dum espírito lúcido e, porque lúcido, desencantado com o mundo, com a vida e com os homens.

Dados biográficos do visado não foram propositadamente convocados à colação.

Enciclopédias e dicionários da especialidade são pródigos em referências ao Homem e à Obra.

Em hibernação durante trinta e um anos após a sua morte, principiou verdadeiramente a ser divulgada a sua obra e os caminhos da sua errância existencial a partir de 1943 com a publicação das suas Cartas, da responsabilidade de Ramiro Mourão, amigo e colega da tertúlia de Espinho, com uma nota sua e outra dos editores (Portugália Editora), valorizado ainda o volume com um prefácio do pensador ibérico Miguel de Unamuno. Por sua vez, o Instituto Pasteur de Lisboa– julgamos que sem fins comerciais, possivelmente para ser distribuído pela classe médica–, publica, em 1954, A Cartilha Maternal e a Fisiologia, trabalho que Manuel Laranjeira escrevera propositadamente para ser presente ao 2º Congresso Pedagógico realizado na Sociedade de Geografia, em Lisboa, em 1909.

1955 é o ano de aparecimento do livrinho Pessimismo Nacional, Edição Contraponto, que insere na última página uma esclarecedora «Advertência» do punho de Luiz Pacheco, editor do ensaio.

Dois anos depois (1957), é dado à estampa o Diário Íntimo, com introdução e notas de Alberto Serpa (Portugália Editora), aparecendo nos escaparates um ano depois (1958) o volume Prosas Perdidas, ainda da responsabilidade do autor de Lisboa é Longe, que selecciona, introduz e anota cerca de duas dezenas de textos dos mais significativos do pensador vergadense, entretanto respigados dos jornais e revistas da época.

Em 1985, da iniciativa do Instituto Português do Património Cultural e de Luiz Francisco Rebello, é dada à estampa a peça teatral Às Feras, que estava inédita. Igualmente neste ano é publicada a tese de Bernard Martocq, Manuel Laranjeira et son Temps (1877-1912), assistindo-se ainda à segunda edição do Pessimismo Nacional.

1986, 1987 e 1990 são anos de reedições de A Doença da Santidade, Diário Íntimo, Cartas e Prosas Dispersas, respectivamente.

Posteriormente, obras como Manuel Laranjeira, 1877-1912, Vivências e Imagens de uma Época (Orlando da Silva, 1992), Obras de Manuel Laranjeira (organização, prefácio e notas introdutórias de José Carlos Seabra Pereira, 1993), Poemas Dispersos (introdução de António Regedor e ilustração de Nuno Lacerda Lopes, 1997) e Comigo-Versos Dum Solitário, que regista uma introdução de Antero Monteiro e viu a Luz do dia no mesmo ano do livro anterior, ambos dados à estampa pela Elefante Editores, e, por último, que sabemos, o interessante livrinho de Francisco Azevedo Brandão, Manuel Laranjeira Por Ele Mesmo, datado de 1998 e também com a chancela da Elefante Editores, não se poderá dizer com toda a justiça, que se assiste presentemente a uma explosão de «laranjeirismo» que cegue quem quer que seja.

Tem sido, outrossim, um válido contributo para que o nosso conterrâneo ocupe o lugar que lhe pertence nas letras portuguesas, e não permaneça só visível de meia dúzia de eruditos ou daqueles que têm por paixão ou ganha-pão estas coisas tantas vezes maltratadas e vilipendiadas da literatura.

Orlando da Silva
Vergada
Novembro de 1998

COMIGO VERSOS DE UM SOLITÁRIO

*Quando os outros te não entenderem,
fala contigo mesmo.*

Diálogo Com A Minha Alma

Pobre alma desiludida,
teu mal é não esquecer
que tudo falha na vida...

Mas ouve, alma: pra viver
e ser feliz é preciso
fitar a mentira e crer,

como alguém que sem juízo
olha pra a terra e a vê
convertida em paraíso...

Um coração que não crê
na mentira cegamente,
coração feliz não é.

Se se desfaz de repente,
como fumo, uma ilusão
que nos encanta... e nos mente;

e, se estendemos em vão
o braço com ansiedade,
para a colhermos na mão:

e que vemos, na verdade,
que, destruindo a mentira,
se mata a felicidade,

e que somente existira
no desejo – essa ventura,
...e a verdade a destruía.

Quem a verdade procura,
busca a sua perdição,
busca a sua desventura.



Só se vive de ilusão:
a verdade é venenosa,
envenena o coração.

A alma humana, desejosa
de verdade, sem prever
quanto a verdade é danosa,

teve febre de saber:
julgou a verdade boa
como o ar para viver,

– e a verdade envenenou-a...

E desde então, alma triste,
vai-se esvaindo, hora a hora,
a ilusão de quanto existe;

vai morrendo quanto fora
ou mentira benfazeja
ou ilusão redentora...

Quantas vezes se deseja
mesmo a ventura enganosa
duma só hora que seja!

Como pra a sede ansiosa
duma boca enfebrecida
toda a água é saborosa,

assim, pra a sede insofrida,
que nós temos, de viver
numa hora toda a vida,

uma mentira qualquer
pode enganá-la um instante
e fazê-la adormecer

na ilusão reconfortante
de ter sido saciada...
Mas, se a sede é devorante,

renasce mais abrasada:
sede de febre é mais viva
depois de ser enganada...

Passa a hora fugitiva
de felicidade incerta
e mentira compassiva,

e o espírito desperta
inda mais envenenado:
busca na terra deserta

(como um jardim encantado
que um génio mau transformara
num jardim abandonado)

a fonte... que já secara;
e tenta volver a fé,
como a um lar que abandonara...

Mas, então, sente que até
a própria fé o envenena,
e o seu lar já não é

o mesmo lar, nem lhe acena
como um refúgio de paz...
Não, alma, não vale a pena

tentar-se volver atrás...
Nunca busques a ventura,
aonde quer que tu vás!

Busca a verdade! Procura
voar bem alto e pairar
acima da vida impura,



sem a ver, sem a fitar!
Sê como um deus que entristece
vendo a sua Obra falhar...

e, cansado, se aborrece
de ouvir tanta boca aflita
blasfemar a mesma prece

de miséria e de desdita...
Se como um condor que passa
sobre a terra e nem a fita!

Se a cruz negra da desgraça
te pudera inda iludir
(como a um santo que se abraça

à sua dor, a sorrir
num doce contentamento
até vencê-la e fruir

o prazer do sofrimento),
era um refúgio talvez...
Mas não pode (louco intento!):

o santo crê, tu não crês...

Cheia de tédio e pesar,
responde minh'alma triste:
– "O remédio é naufragar!

Perdida a fé que consiste
em deixar-se adormecer
na ilusão de quanto existe,

o desejo de viver
já não tem asas; e a vida
dá vontade de morrer,



por não poder ser vivida
como o desejo a sonhava...
Sinto-me exausta, vencida:

quanto da vida esperava,
ou pedia à vida má,
sempre a vida mo negava!

E, se a vida nunca dá
quanto o desejo lhe pede,
-pra quê viver? não será

bem melhor morrer à sede?"

Alma cobarde, alma cega
de não crer – quem nos impede
(só porque a vida nos nega

quanto o desejo lhe pede)
de prosseguir mais além?
Deixar-se morrer à sede,

só o faz quem já não tem
mais fontes para buscar...
Oh alma, tu sabes bem:

a loucura é desejar
e pedir a vida injusta
o que ela não pode dar...

Se é a vida que te assusta
desse modo, alma suicida,
desprende-te!... Que te custa

ser livre, sem ver a vida,
nem a terra podre? Goza
de ver-te incompreendida,



de ver-te só! e, orgulhosa,
vive em ti, alma impotente!
Se a ventura é duvidosa,

e se a vida é triste e mente,
porque a miséria a invade,
tu, minh'alma, sê contente,

sobe e vai! Pela verdade,
renunciaste a fruir
a paz da felicidade!

Foi-se a paz... Deixá-la ir!
A paz é uma mentira
que te não pode iludir!

Se é pela paz que suspira
quem se cansa de lidar,
há outra paz que respira

quem passa a vida a lutar.
Há outra paz..., mais sagrada
do que a paz do nosso lar!

–paz de quem vai de jornada
para a verdade, paz santa!
paz de luta, abençoada!

Como sobe a voz que canta,
presa nas asas do vento,
oh alma, vai! Alevanta

pra a verdade o pensamento!
– como essa águia ambiciosa
que sente um deslumbramento

da luz do sol, e, ansiosa,
pra o sol as asas conduz,
e vai e sobe, orgulhosa,



'té cair ébria de luz!

E a minh'alma suspira
e volve o olhar, desvairada,
pra a terra donde partira

e donde anda desterrada,
sem forças para voltar
ou prosseguir na jornada...

E diz-me: – "Pra quê tentar
voos de águia quem não tinha
asas de águia pra voar?

Seria cegueira minha
tentar as asas abrir
sem a fé que mas sustinha...

E, se é forçoso cair,
de mais alto me despenho,
quanto mais alto subir...

Fé na vida não a tenho.
Viver sem fé é viver
a morte... – e eu já morta venho.

Bem sabes... crer ou não crer
– eis o dilema, o segredo
de viver ou de morrer.

Vida de luta é um credo
rezado em actos; e a vida,
sem a fé, é um degredo...

Crer – é a arma de quem lida,
e o segredo que a alma tem
para nunca ser vencida.



Não crer: – querer ter a alguém
amor... sem poder amar;
ir só pela vida além,

como uma tábua no mar,
entre uma vaga e outra vaga,
... aonde a vaga a levar;

olhar pra quem nos afaga
(como se olha pra quem mente)
– com vista turva e pressaga;

repelir quem cegamente
nos beija a fronte pendida,
ou estende a mão clemente

para nós, compadecida;
e, embora a vida nos ria,
amaldiçoar a vida,

hora a hora, dia a dia,
por a não poder viver
como o desejo a pedia;

deixar os braços pender;
ser vencida e destroçada
inda antes de combater...

Ao começar a jornada,
tinha a fé da mocidade,
que me trazia enganada!

Corri atrás da verdade,
crendo que ela me daria
na terra a felicidade...



Pobre de mim! que corria
sempre atrás duma ilusão
que, como as outras,... mentia.

Oh desejo cego e vão!
até a verdade mente,
quando a busca o coração.

Cheia de fé (como um crente
que, sendo a jornada rude,
vai caminhando contente),

voei, subi, quanto pude!
voei, subi, como insana!
Oh! como a verdade ilude!

– ou como a fé nos engana!
quanto mais alto subia,
mais eu me sentia ufana...

Cega de mim! que não via
a verdade venenosa
matar-me a fé, dia a dia!

E, nesta hora dolorosa
em que a vejo, já é tarde...
Fito-me silenciosa,

gela-me um frio cobarde
ao sentir que a fé antiga
dentro de mim já não arde...

Não tenho fé que consiga
suster-me as asas que estão
quase mortas de fadiga...

E que pesadas que são
as asas que já perderam
a derradeira ilusão!



e as asas que já tiveram
fé na vida e que, ao perdê-la,
na mesma hora morreram!

Reaver a fé? aquela
cega fé da minha infância?
Em vão! já não posso tê-la...

Tive asas de águia, com ânsia
de ar, de espaço, de voar,
e de ir além da distância

que se abrange com o olhar,
quando tinham fé na vida
e a fé mas pôde levar...

Mas a ambição insofrida
de ir mais além – me perdeu:
pela ambição impelida,

tentei escalar o céu,
e tal céu não existia...
Havia-o criado eu

nesta louca fantasia,
em horas de aspiração...
Crendo, porém, que subia,

despenhava-me. Homem vão,
tentei ser Deus,... e Deus era
a minha própria ambição!

Deus, o Deus que eu pretendia
destronar, nunca existira:
era uma louca quimera,

uma orgulhosa mentira,
que o homem criara, ufano,
na mesma hora em que sentira



o desejo monstro, insano,
de prender todo o universo
na mão do destino humano.

Como se um génio perverso
me impelisse pra a desdita,
ou malfadasse no berço,

herdei a ambição que incita
a ser Deus, ou sucumbir
nessa jornada infinita...

Pobre ambição! Que é subir?
é ser Deus (que não existe)?
O destino era cair,

se nessa loucura triste
de aguardar Deus (ou de o ser)
todo o destino consiste!

Ir mais além é colher
toda a verdade da vida?
Mas nesta ânsia de saber

é que eu fui desiludida:
conquistava uma verdade
...e era uma ilusão perdida!

As asas da mocidade
sinto-as já como velas
rotas pela tempestade...

Sem fé, não posso sustê-las,
e a fé não se recupera...
De que me serve, pois, tê-las,
se são asas de quimera?
Com a última ilusão
morreu a fé que as erguera...



Ter asas com ambição
de ir mais além, afinal,
e agitá-las em vão...

Ir mais além de que vale,
se é infinita a jornada
e a Alma vã é mortal?

Vamos indo pela estrada
desta vida mentirosa
para essa terra sonhada

pela mente ambiciosa;
e, a cada passo que damos
pra a verdade venenosa,

reconhecemos que estamos
mais longe de conseguir
aquilo que desejamos...

É inútil prosseguir,
como os loucos de heroísmo:
ir mais além é cair

de um abismo em outro abismo...

Eis-me enfim desenganada!
– minha ambição de infinito,
nunca a verei saciada!

Se no Destino medito,
vejo o Homem condenado
a extinguir-se como um grito

sem eco; e, desesperado
de vencer Deus ou de o ser,
sucumbir extenuado,

sem chegar aonde quer...



E os castelos que ele faça,
hã-de sumir-se e esquecer,

– como se extingue a luz baça
da sombra que projectou
aquela nuvem que passa,

e, passando, não deixou
atrás de si, sobre a terra,
vestígios de que passou...

Eis a verdade: descerra
os olhos loucos pra a ver
e os desenganos que encerra!

Toda a verdade – e morrer!
Pra não se ir além da vida,
não vale a pena viver.

É um gesto de suicida
ir para a luta, descrendo:
sem fé em si, ninguém lida:

quem crê em si, combatendo,
certo de ser derrotado,
busca um triunfo, morrendo!

busca morrer abraçado
ainda ao seu ideal!
busca morrer saciado

duma ilusão que lhe cale
toda a sede, – como o crente
morre pra ser imortal!

Mas quem luta ingloriamente,
sabendo não ir além
da morte? Pra o combatente,
a glória de morrer bem



é uma dor saborosa,
é uma crença também!

Quem luta, crê; se crê, goza.
Gozei enquanto subia
pra a luz, com fé, ansiosa...

Mas quanto mais estendia,
ávida, as mãos pra a ventura,
mais longe de mim a via...

Como um louco que procura
colher na mão as estrelas
que lhe sorriem na altura,

- assim fiz eu, só de vê-las,
cuidando que não mentiam
àqueles que crêem nelas...

Mas as estrelas sorriam...,
e, nesse sorriso triste,
parece até que exprimiam

- a ilusão de quanto existe...

Eis porque sou desgraçada
- porque não posso iludir-me,
nem posso ser enganada:

se vejo a vida sorrir-me,
sei que me está a enganar;
e, nem que eu tente mentir-me,

não posso crer, nem amar...
Esperar pra quê, sabendo
que é inútil esperar?

Nada espero. Vou vivendo
esta morte cada dia;



e até na morte descrendo

vou também: não renuncia
quem inda a ama, ou a tema;
mas quem não crê, nem confia,

não ergue as mãos, nem blasfema...
Descrer da vida e vivê-la
– eis a renúncia suprema.

E, se a vida é bela
como o desejo a sonhou,
há um remédio – esquecê-la!

Vou vivendo a morte,... vou
como aquela folha verde
que a ventania arrastou,

– vai sem destino e se perde...”

E a minh’alma vai dizendo:
“... E só o silêncio é bom...
Nele se vão dissolvendo,

como num mar, a Paixão
e o tédio de ter vivido
e as mágoas do coração...

Se te sentires vencido,
busca o silêncio: é a paz
pra a mágoa de ter falido,

Medita bem e verás
que quanto existe no mundo
em silêncio se desfaz...
É nesse abismo profundo
que se dilui todo o ser...
Basta de palavras: fundo



foi o desgosto de as crer...
Louco amigo, não me iludas!
deixa-me estar e esquecer

– em paz como as coisas mudas...”

O iludido era eu,
alma, e ia-te enganando...
Se a verdade te não deu

a paz que andavas buscando,
dê-ta o silêncio, alma triste!
... e vá a vida rolando

– na ilusão de quanto existe.



À Tarde

A tarde lenta cai. E cai também
uma melancolia venenosa,
meu Deus! que se não sabe donde vem...

E vem como uma sombra vagarosa
que chovesse dum céu crepuscular...
Vem subindo da terra dolorosa
como um grande dilúvio de pesar,
como um olhar de dor silenciosa
que tentasse subir para as estrelas
e ficasse disperso pelo ar...

E vem do fundo d'alma... Prescrutasse
a gente o coração pra sentir bem
que é lá no fundo d'alma que a dor nasce
e é de lá sobretudo que ela vem...

De lá! de lá do fundo! bem do fundo
de nós mesmo!... e lenta vem subindo
aos olhos que a reflectem, reflectindo
na nossa dor a dor de todo o mundo!

Dolorosamente
a tarde exausta morre de cansaço
e parece que sofre a natureza...
Anda uma luz de cinza pelo espaço
e lentamente
envolve as coisas todas de tristeza...

E a tarde cai nos olhos e entristece-os...
E toda a melancolia,
de lá do fundo d'alma aonde está
vem-nos subindo aos olhos e escurece-os...
Os olhos escurecem e dir-se-ia
que é de lá



que a tristeza das coisas irradia...

A tristeza das coisas... Afinal
ó tristeza das coisas, tu existes
dentro de nós, em nossas almas tristes,
como um eco da dor universal!

Ó silêncio das coisas, é ouvindo
o próprio coração que te escutamos!
E as lágrimas das coisas vão caindo
...e somos nós que as choramos!

Sim, nós!... Quem sofre e chora, somos nós!
um choro de cobardes e vencidos,
nessa hora de sombra em que, transidos,
olhamos em redor... e estamos sós!
Sós! todos sós! Ó almas solitárias,
vêde a tristeza da tarde!
É vendo-a que a noss'alma desolada
se sente mais sozinha, abandonada,
e o nosso coração é mais cobarde...
É vendo a claridade agonizar,
como um olhar voluptuoso e triste,
que sentimos subir-nos surdamente
aos olhos o desejo de chorar
baixinho, docemente,
sobre o peito d'alguém... que não existe!

.....

E, quando sobre o mar
cai a noite do céu pesadamente,
a gente sem querer... põe-se a chorar!



A Tristeza de Viver

(para a Exma. Sra. D. Dalila dos Reis Ferreira)

Ânsia de amar! oh ânsia de viver!
um'hora só que seja, mas vivida
e satisfeita... e pode-se morrer,
-porque se morre abençoando a vida!

Mas ess'hora suprema em que se vive
quanto possa sonhar-se de ventura,
oh vida mentirosa, oh vida impura,
esperei-a, esperei-a, e nunca a tive!

E quantos como eu a desejaram!
e quantos como eu nunca tiveram
uma hora de amor como a sonharam!

Em quantos olhos tristes tenho eu lido
o desespero dos que não viveram
esse sonho de amor incompreendido!



A Uma Romântica

(no álbum da Exma. Sra. D. Lúcia Brandão)

Teus olhos tristes (se o olhar não mente)
andam dizendo adeus a um sonho vão
que se vai desmanchando lentamente...

E a tristeza do olhar anda dizendo
quanto deve sofrer teu coração
à medida que o sonho vai morrendo...

E, por mais que tu julgues escondido
no fundo desse olhar silencioso
o teu sonho de amor incompreendido,

vê lá se o sei! Um príncipe encantado
tomava-te em seus braços, ansioso,
e beijava-te os olhos, enlevado...

Depois,... depois, cansado de esperar
o príncipe encantado... que não vinha,
encheu-se de tristeza o teu olhar...

Teu grande coração, alma vencida,
que tantas ilusões na vida tinha,
já começa a descrer também da vida...

Oh alma solitária, oh alma triste,
o príncipe encantado que sonhavas,
por mais que tu o busques, não existe!

Sonhos de amor, os sonhos ideais,
em que tu, alma doce, confiavas,
são sonhos, sonhos vão e nada mais...

.....



«SOFRES, BEM SEI! E SOFRES COM VERGONHA»

Sofres, bem sei! e sofres com vergonha
de sonhar tanto e em vão! e tens no olhar
a cobardia de quem chora e sonha!

Mas sofre com orgulho! o pensamento
de poder mais que a dor faz-nos gozar,
orgulhosos do nosso sofrimento!

Até a dor esquece, quando o peito,
ao desfazer-se o sonho, ainda tem
orgulho pra o amar, mesmo desfeito!

Descrê da vida embora! (que se junca
pra ti de desenganos, sei-o bem);
mas de ti mesma não descreias nunca!

Tem orgulho de ti! de ser assim!
e ama o sonho de amor que não viveste
numa torre ilusória de marfim!

E nunca te envergonhes de sonhar!
nem escondas o sonho que tiveste,
com receio de alguém to profanar!...

Ama-o dentro de ti! como acontece
àquele que ama ainda com paixão
o fantasma de alguém que lhe morresse...

Um sonho como o teu, desfeito e belo,
só o sonha quem tenha um coração
...que não ache quem saiba compreendê-lo.



Prefácio Lírico Para Uma Balada

(a Pedro Blanco)

Nas cinzas dum grande amor
ainda existe calor
a que a noss'alma se aqueça...

E a gente põe-se a dizer:
– “Vida, não vás tão depressa,
deixa-me ainda aquecer!”

Daquele amor que passou,
alguma coisa ficou,
...alguma coisa que vive:

ficou-me isto... – est'hora de arte,
que é a essência, a melhor parte
daquele amor que lhe tive...

Oh balada amarga e triste,
feita de gozo e de dor,
és o calor que inda existe

...nas cinzas daquele amor.



Último Diálogo

(no álbum da Exma. Sra. D. Sofia Isménia
Quaresma)

Ao morrer, os olhos dizem
sempre o mesmo: – “Espera aí!
Vida, não vás tão depressa,
que ainda te não vivi...”

E a Vida passa, e a Morte
é que responde em vez dela:
– “Mas que culpa tem a vida
de não saberem vivê-la?”



Na Rua

Ninguém por certo adivinha
como essa Desconhecida,
entre estes braços prendida,
jurava ser toda minha...

Minha sempre! – E em voz baixinha:
– “Tua ainda além da vida!...”
Hoje fita-me, esquecida
do grande amor que me tinha.

Juramos ser imortal
esse amor estranho e louco...
E o grande amor, afinal,

(Com que desprezo me lembro!)
foi morrendo pouco a pouco,
– como uma tarde em Setembro...



Diálogo Com Um Fantasma

– “Ó fantasma de alguém que soube amar
e teve um coração grande e perfeito,
porque é que vens agora soluçar,
muito abraçada a mim, quando me deito?”

Porque é que tu me beijas a chorar
e me apertas calada contra o peito,
ó morta que me vinhas visitar,
debruçada a sorrir sobre o meu leito?”

E o fantasma responde-me alterado:
– “Eu sofro porque sofres. Desgraçado,
vais gozar a desgraça de viver...”

Agora que tu amas, é que a vida
te dirá como é vã e aborrecida,
sem ninguém que nos possa compreender...”



A Sacidade Dos Insatisfeitos

(carta a ninguém)

Perguntas-me o que tenho? A sacidade de quem gozasse muito... e não gozasse um momento sequer que lhe deixasse a mágoa de o perder ou a saudade:

e o desgosto dos sempre insatisfeitos,
– ao ver que amaram tanto (e tanto em vão)
e após horas e horas de paixão
só gozaram prazeres imperfeitos...

Perguntas-me o que tenho? O tédio horrível de saber que é inútil, desprezível, a ventura que a gente concebeu

nessas horas de febre visionária:
e o desgosto de quem reconheceu
quanto a vida ideal... é ordinária.



Nada Resta Daquele Grande

Nada resta daquele grande amor...
Somos dois mortos, vê... E o maior dano
não foi o desamor...
Ser desamado custa; mas pior
é sempre o desengano...



Carta A Ninguém

Não tornes a queixar-te! Se morreu
aquele grande amor e malfadado,
porque o mataste, filha? Ai! o culpado,
bem vê's que não fui eu...

Julguei-te abandonada, solitária:
quis fazer da tu'alma a ideal
e doce irmã da minha... e afinal
ela era como as outras -ordinária...

Não tornes a queixar-te mais de mim!
Eu não te posso amar: amar assim,
como os outros, não sei... era um engano...

Foi bem maior que a tua a minha dor:
tu sofreste o desamor,
mas eu, filha, sofri – o desengano...



Palavras Dum Fantasma

Aquela doce e mística suicida
que me visita pela noite morta,
vim agora encontrá-la à minha porta,
esperando por mim, toda transida...

Prendeu-me nos seus braços desvairados,
longamente, em silêncio, como louca...
E ainda sinto o consolo dessa boca,
beijando-me nos olhos desolados...

Depois pôs-se a dizer-me em voz baixinha:
– “Bem vê, meu pobre amor, ela não tinha
um coração como eu...”

Alma de sacrifício – nunca a viste
igual à minha!... e a minha não te deu
felicidade alguma... se isso existe...”



Palavras Ao Meu Coração

Basta de crer no amor, basta de amar!
Meu louco coração, toma juízo:
pra os que querem na terra o paraíso,
há um remédio só – renunciar.

Renuncia! Se tudo quanto existe,
é mentiroso, e só nos faz descrer,
–não vale a pena amar, pra quê correr
atrás de sombras vãs, coração triste?

Não querem entender-te, coração,
...não podem entender-te, quando tentas
erguer as pobres asas desse chão...

Queres pairar em regiões mais puras?
Vive acima da terra e das tormentas,
–sozinho como as águias nas alturas...



Blasfémia Inútil

(À margem do "Génesis")

Diz esta lenda vã
que tu, minh'alma, és barro convertido
em espírito, ao sopro do Senhor...
Mas revoltou-se o pó: veio Satã
tentar-te com o fruto proibido
e ensinar-te o caminho do amor
– e da culpa saborosa...

E tu, alma rebelde, ambiciosa,
querendo igualar Deus, foste punida...
Mas Deus sabe punir e perdoar,
alma caída;
Deus ama ainda a vida, e deu-te a Dor
em redenção, pra voltar
até Ele, de novo, arrependida...

Alma rebelde, suicida,
seja a Obra maior que o Criador:
sê maior que Deus – despreza a vida...



De Jornada

Eu tive um sonho estranho. Foi assim:
Era um caminho sem fim...
Como sombras, os homens, silenciosos,
iam passando por mim...

Profetas misteriosos,
de olhos com febre e de saber profundo
levavam-nos consigo pelo mundo...

Para onde iam?
Em cada marco do caminho estava
gravado este letreiro que os guiava
no rumo que seguiam:

“Caminho de quantos vão
fugindo dos desertos que há na terra
pra a Terra da Promissão.”

Como uma sombra ansiosa
atrás da mesma ilusão,
pus-me a caminho também,
e fui na caravana lastimosa
por essa vida além...

Mas as sombras daquele bando louco
não iam a meu lado dentro em pouco,
como se o vento as sumisse,
ou se esvaíssem no ar...
Julguei-me extraviado, ao ver-me só
e a caminhar,
cansado, cheio de pó...
E, como o peregrino
que ao longo duma estrada sem ninguém
pára e vai de onde a onde consultar



nos marcos do caminho o seu destino,
quedei-me ao pé dum marco a decifrar
o meu destino também...

"Eis o caminho da vida:
conduz para o deserto de onde vêm
quantos crêem na Terra Prometida."

No silêncio da luz crepuscular,
ouvi de novo os passos apressados
de sombras a caminhar...
E as sombras começaram a passar,
como se o vento as trouxesse,
ou se formassem no ar...

Pus-me a gritar à caravana triste:
– "Sombras de homens, fantasmas ansiosos,
aonde ides? Profetas mentirosos
arrastam-vos consigo pela vida,
para as bandas da Terra Prometida,
...da terra que buscais e não existe!"

Ninguém me responde. Silenciosamente
como quem vai atrás dum sonho vão,
ou dum desejo que mente,
ainda o mesmo lastimoso bando
de sombras ia passando
...pra a Terra da Promissão.

Fiquei sozinho...
E disse ao meu coração
indicando-lhe o marco que ali perto
nos ensinava o caminho:
– "Eis o sentido da vida:
caminhamos pra a Terra Prometida
...e vamos para o deserto."

Porém dentro de mim,
responde o coração sem vacilar:



– “Deserto ou paraíso, pouco importa!
O único remédio é caminhar
e ir sempre mais além até ao fim!”

Como quem busca a Terra Prometida
submisso ao coração, fui caminhando
para o deserto... atrás do estranho bando
de sombras que passou...

E na vida, nesta vida
(que só compreendemos bem, sonhando)
como no sonho, eu deixo-me ir submisso
ao meu destino: eu sei aonde vou,
sei-o bem... e caminho apesar disso!



Aos Amigos

Eis a verdade que sinto e penso:
quero crer, quero amar a vida, alguém...
e (eis porque sou um desgraçado imenso)
não posso crer, nem posso amar ninguém.

Crer em quê? amar o quê?
Descrer é não poder amar... A vida,
pra vivê-la,
não deve nunca ser compreendida;
a vida, se chegamos a entendê-la,
até nos envenena com a própria fé...

Crer em quê? amar o quê?
Não ama quem já não crê...
Eu tinha um'alma crente, a vida envenenou-a,
(deixá-la envenenar!):
o amor matou-me a fé no amor, matou-a...
– e já não posso crer, nem posso amar...
Às vezes quero amar, desejo crer
que a vida ainda é bela e justa e boa;
mas de balde... E, pra esquecer,
sofregamente ponho-me a viver
para que a Dor me esqueça,
– como alguém que bebe à toa
...para cair mais depressa.

Crer em quê? amar o quê,
se tudo quanto existe é imperfeito e vão?
Às vezes tento iludir-me;
mas, quando a minha fé parece firme,
reconheço que estou a amar sem fé...
É então
que me ponho a rezar esta oração
desesperada e triste (como aquela
que reza quem já não crê):
– Bendita seja a ilusão,



e bem-aventurados... os que crêem nela.

E eis aqui porque sou tão desgraçado:
– porque não posso amar, nem posso crer...
E vale a pena viver
assim envenenado,
sem uma gota d'água que conforte
tanta sede? Não vale... Mas enfim
que remédio senão viver assim,
se também... já não tenho fé na morte!



A Sós

I

Quantos castelos vãos meu coração
fundou no vento incerto (que cegueira!),
desfeitos em ruínas e poeira,
ei-los todos dispersos pelo chão!...

Torres soberbas, torres de ilusão,
fundadas sobre a vida traiçoeira,
ardeu-me tudo, tudo; e da fogueira
restam-me as cinzas desse mundo vão.

Oh ruínas de quanto já ergui
com alma enfebreçada e desvairada!
cinzas mortas das torres que eu perdi!

dormi, oh coisas vãs, o eterno sono,
— como dorme uma lâmpada apagada
no meio duma nave... ao abandono.

II

Oh minh'alma, já basta de sonhar!
e basta de sofrer ao ver desfeito
o sonho que abraçamos contra o peito,
com ânsia de o reter, de o prolongar!

Que remédio senão desesperar,
se tudo quanto existe é imperfeito?
Descansa coração insatisfeito!
Dormi, olhos cansados de velar!

Porque há-de a fantasia enfebreçada
buscar a perfeição de quanto existe
e encher de sonhos vãos a nossa vida?



se é por isso que somos desgraçados,
por sonhar tanto e em vão; e a vida é triste,
porque é feita de sonhos desmanchados..

III

Louca ambição
de eternizar um'hora e de vivê-la
avidamente, assim eterna e bela,
deixa-me em paz, já basta de ilusão!

Não venhas perturbar-me o coração!
deixa-o descrer! deixa-o dormir! e aquela
hora suprema, oh deixa-me esquecer-la,
desejo vão!

E tu minh'alma louca, tu medita
e considera: a sede é infinita,
e assim se vive a vida, a vida triste,

— a desejar aquilo que somente
existe no desejo (que nos mente)
... ou aquilo que nem sequer existe.



No Meio Da Charneca

Erguem-se as mãos para colher no espaço
as estrelas (o Sol ou a Mentira
a que a noss'alma ambiciosa aspira)
e os braços caem mortos de cansaço.

E os olhos querem num supremo abraço
beber ainda a luz que lhes fugira;
mas, cansado de olhar, o olhar expira,
perdido pelo céu deserto e baço...

É então quando o lábio empalidece
como o dum réu de morte, ou quando solta
um grito de blasfémia ou de prece...

Perde-se a voz pràs bandas do infinito:
da abóbada do abismo só nos volta
...eco quase morto desse grito.



Vendo a Morte

Em tudo vejo a morte! e, assim, ao ver
que a vida já vem morta cruelmente
logo ao surgir, começo a compreender
como a vida se vive inutilmente...

Debalde (como um náufrago que sente,
vendo a morte, mais fúria de viver)
estendo os olhos mais avidamente
e as mãos pra vida... e ponho-me a morrer.

A morte! sempre a morte! em tudo a vejo
tudo ma lembra! e invade-me o desejo
de viver toda a vida que perdi...

E não me assusta a morte! Só me assusta
ter tido tanta fé na vida injusta
...e não saber sequer pra que a vivi!



POEMAS DISPERSOS E INÉDITOS



Tenho Inveja Ao Cristo Dolorido

Tenho Inveja ao Cristo dolorido
Na impotência dum sonho já desfeito
Agonizando, o corpo contorcido,
Na cruz d'ouro que trazes sobre o peito.

Fitando o céu, d'olhar amortecido,
Como alguém que, da morte já no leito,
Inda espreitasse, sôfrego, insofrido,
A luz do eterno dia em trevas feito.

– Se os braços sobre o peito cruzas, lassos,
Confundem-se os da cruz com os teus braços.

–

Eu seria Jesus, o visionário,

Se o teu olhar fora a minha luz,
Se os teus braços pudessem ser a cruz
E se o teu peito fora o meu calvário.



Terra - Prometida

Pela estrada espinhosa d'esta vida
Vai correndo em tropel a humanidade
em demanda da Terra-prometida...

A Terra-prometida – ou a sonhada –
onde a alma sedenta de Verdade
para sempre nos fique saciada!

E essa Terra, que todos esperamos
ter no fim da jornada fadigosa
e p'ra onde há tanto caminhamos,

não passa de ser Terra-desejada
n'um abismo de sombra mentirosa
desde o berço do Homem sepultada...



Aeterna Vox

Erguem-se os braços para o Céu, já baço,
buscando a Luz – quem sabe se a mentira? –
a que a noss'alma sequiosa aspira
– e os braços caem de cansaço...

E o nosso olhar com um supremo abraço
busca no Céu a Luz que nos luzira
uma vez d'entre a sombra e nos fugira
– para sempre? - perdida pelo espaço...

Mas morre o olhar cansado de buscar
a Luz, morta talvez... – quem sabe aonde? -
E se erguemos - oh febre de aspirar! –

Um grito angustiado ao Infinito
da abóbada do abismo só responde
... o eco quase morto d'esse grito...



De Que Vale Viver A Desejar

De que vale viver a desejar
essa luz que a noss'alma tanto anseia
e que nunca se cansa d'esperar?

Se nunca, nunca colhe, senão dor
todo aquele que espalha e que semeia
pela estrada da vida muito amor ...

Na sede de saber o que isso fosse
– isso, esse amor, só feito d'artifício –
para aspirar também, oh flor do vício,
o teu perfume venenoso e doce...

Até nos antros da sombra esquecidos
há gritos de desejo pela luz...



No Sono Das Coisas

Quantos castelos feitos de ilusão
ergui, crente, pelo ar, – mas que cegueira! –
ei-los todos desfeitos em poeira,
ei-los todos dispersos pelo chão...

E daquela tão leda aspiração,
Em que eu sentia arder-me a vida inteira,
Sumiu-se tudo já. E da fogueira
Restam-me as cinzas do desejo vão...

Ó ruínas de tudo o que eu ergui
Na mente enfebrecida e desvairada!
Cinzas mortas da vida que vivi!

Dormi eternamente o vosso sono
– como dorme uma lâmpada apagada
no meio duma nave ao abandono...



«TALVEZ TU CHORES NESTA HORA – EU»

Talvez tu chores nesta hora – Eu
Estou tão contente, canto tanto e rio!
Este sol de hoje não me quis sombrio,
E a natureza não me quer só teu.

Talvez tu chores; minha dor morreu
Ante a luz forte e sensual do Estio;
E se tu choras porque tens só frio,
Quem tem a culpa se eu me rir – é o Céu.

Pois chora, chora – a Dor humana tem
De ter quem a amamente – mas se alguém,
Se tu, para eu não ver os astros são,

Viesses fechar-me os olhos – tu, criança,
Eu, que nas tuas mãos pus minha esperança,
Era capaz de te quebrar as mãos!



Retrato Duma Romântica

*Naquele engano d'alma ledo e cego
Que a Fortuna não deixa durar muito...*
Camões

Teu olhar triste (se o olhar não mente!)
parece estar fitando um sonho vão
que se vai desmanchando lentamente...

E a tristeza do olhar está dizendo
quanto deve sofrer teu coração
à medida que o sonho vai morrendo...

E esse sonho que tu trazes escondido
no fundo do teu peito, angustioso,
sei-o, diz-mo esse olhar entristecido...

Vê lá se o sei: um príncipe encantado
tomava-te em seus braços, ansioso,
e beijava-te os olhos, enlevado...

Depois... depois, cansado d'esperar
o príncipe encantado que não vinha,
encheu-se de tristeza o teu olhar...

Teu grande coração, alma iludida,
perdeu aquela fé que outrora tinha
e começa a descrer da própria vida...

Oh alma cismadora, oh alma triste,
o príncipe encantado que sonhavas,
por mais que tu o busques, não existe...

Sonhos d'amor, oh olhos que sonhais,
Oh coração que em sonhos te embalavas,
São sonho, sonho vão... – e nada mais.



Cantigas

Muito triste deve ser
um coração sem ninguém
que possa compreender
quanta tristeza ele tem...

Olhos tristes, olhos tristes,
porque me fitais assim?
– como espelhos da tristeza
que tenho dentro de mim...

Que sonhos d'amor tão lindos
às vezes a gente tem!
e que mágoa não podermos
confiá-los a ninguém!

Tenho n'alma duas coisas
de que não posso esquecer-me:
é teres-me querido tanto
e deixado de querer-me.

Não há nada nesta vida
que tanto faça sofrer
como ter amor a alguém
e não lho poder dizer...

Os teus olhos sonhadores
fazem-me sempre cismar
se são mágoas ou amores
que assim os fazem sonhar...

Se pergunto ao teu olhar
que segredos ele esconde,
ele fita-me a cismar
muito triste e não responde...

Quem inventou a saudade



bem triste devia ser!
e foi alguém com certeza
que gostava de sofrer.

Deus fez as almas ao pares
como pares de andorinhas,
e todavia parece
que Deus as criou sozinhas.

As andorinhas que emigram
no outono em revoada
são como ilusões que partem
para uma terra encantada....

Voltareis ao vosso ninho,
andorinhas que emigrais,
mas as ilusões perdidas
ai! essas... não voltam mais.

A jura que me fizeste
de ser minha eternamente,
por ser feita à beira da água,
... foi levada na corrente.

Os teus olhares e os meus
de andarem tão enredados
alguém já os comparou
às silvas pelos valados...

A erva que teus pés calcam,
se está seca, reverdece;
se até a areia que pisas
sob teus pés floresce!
A escada da tua casa
não sei como não floresce,
sabendo ela que és tu
quem a sobe e quem a desce...

Ontem à noite sonhei



que dois negros me matavam;
afinal eram teus olhos
que com desdém me fitavam...

Habituei-me a sofrer
os desenganos da sorte,
que, no dia em que os não sofro,
aborreço-me de morte...

Este novo "engano d'alma
ledo e cego" em que vivemos,
apesar de ser engano,
outra ventura não temos...

Tive um amor que dizia
d'olhos perdidos nos meus
que, se eu não pudesse amá-la,
a enganasse, por Deus...

E um outro amor que eu tinha
duma trágica beleza
beijava-me os olhos tristes
pra lhes beber a tristeza...

Tive um amor que dizia
sobre o meu peito chorando
que nunca me esqueceria
e já me estava olvidando...

Teus olhos negros e tristes
como à noite a cor do céu
parece que trazem luto
duma ilusão que morreu...

E já os vi doutra cor,
eram verdes como o mar..
– como quem anda a sonhar
loucos romances d'amor...



Mas tanto luto e tristeza
são coisas que se adivinham..
quando o sonho se desfez
perderam a cor que tinham...

Deixá-la ir, a glória
que eu andava a conquistar...
A glória pra que me serve,
se eu não tenho a quem a dar?

E como velas sem rumo
que vão perdidas no mar,
deixá-la ir, a ventura
que andamos a desejar...

Deixá-la ir, a esperança,
a doce ilusão perdida,
deixá-la ir sem destino
pelos caminhos da vida...

Deixá-la ir pelo ar
como uma folha caída,
pra onde for impelida,
por onde o vento a levar...

Deixá-lo ir, o amor
e fique-me eu sem ninguém...
E quantos sonhos eu tive,
deixá-los morrer também...

Que me importa perder tudo
Que de grande eu possuí?
– tudo isso nada vale,
se eu te não possuo a ti...

Sonhei-me rei (que ilusão!)
e a terra inteira era minha...
Pedi-te pra seres rainha
e tu disseste que... não.



Esta palavra saudade
é preciso pra a entender
ter aprendido primeiro
o que é o gosto de sofrer...

Tristes cantigas d'amor
são tristezas que somente
as compreende quem ama
e só as ama quem sente...



Andorinhas

Deus fez as almas aos pares,
como pares d'andorinhas...,
e todavia parece
que Deus as criou sozinhas...

As andorinhas que emigram
no Outono em revoada,
são como ilusões que partem
para uma terra encantada...

Voltareis ao vosso ninho,
Andorinhas que emigrais!
Mas as ilusões perdidas
ai!... essas não voltam mais!



Olhos

Teus olhos negros e tristes
como à noite a cor do céu
parecem que trazem luto
d'uma ilusão que morreu.

E já os vi d'outra cor,
Eram verdes como o mar
- como quem anda a sonhar
loucos romances d'amor...

Mas tanto luto e tristeza
são coisas que se adivinham:
quando o sonho se desfez
... perderam a cor que tinham



Saudade

Quem inventou a saudade
bem triste devia ser!
E foi alguém com certeza
que gostava de sofrer...

Esta palavra saudade
é preciso p'ra entender
ter um coração que sofra
e que goste de sofrer...



À Minh'alma

Ofélia: - Estais alegre, Senhor!
Hamlet: - Mas que há-de um homem fazer,
senão - ser alegre?

Shakespeare, Hamlet

Oh alma desiludida,
ri, ri, ri - para esquecer
que tudo falha na vida.

.....

Se tudo há-de falhar,
se é grotesco quando existe,
não vale a pena esperar,
nem vale a pena ser triste...



«'Inda Que O Céu Fosse Escuro E Sem Ninguém»

'Inda que o céu fosse escuro e sem ninguém,
D'estrelas se encheria o firmamento
Co'as lágrimas de dor e sofrimento
Que por mim tem chorado minha mãe.

Se algum prémio existe em alcançar-te,
Se alguma glória existe em merecer-te
Eu não quero essa glória de ganhar-te
P'ra não ter a desdita de perder-te.

Ânsia de amar! oh ânsia de viver!
uma só hora que seja! mas vivida
e satisfeita - e pode-se morrer...
porque se morre abençoando a vida! (20)

E aquele amor imenso que em ti puz,
aquele afecto imaculado e santo,
inda hei-de dar-t'o transformado em canto,
inda hei-de dar-t'o convertido em luz.



Carta a A.

Já nem sei as palavras que te disse...
Deviam ser injustas e cruéis!
Mas eu, meu pobre amor, também sofria,
embora que, no dizer-tas, tanto risse...
E vós, oh almas simples, não sabeis
– que há quem sofra... e ria.

A rir, fiz-te chorar perdidamente;
fui mau, bem sei. Perdoa, meu amor;
mas eu também sofri horrivelmente...
Sofri: há quem não possa mordaçar a dor
e se mascare – somente
para escondê-la e pra chorar melhor.

E tu, meu doce amor, não imaginas
o desejo que eu tinha de beber-te
a tristeza feliz do teu olhar!
Ah! Quantas, quantas vezes quis dizer-te,
beijando o teu corpo nu,
como quem beija estátuas divinas:
“Sou bem mais desgraçado do que tu,
...porque não posso chorar”.



«Ânsia De Amar, Oh Ânsia De Viver!»

Ânsia de amar, oh ânsia de viver!
Uma só hora que seja, mas vivida
e satisfeita, e pode-se morrer,
porque se morre abençoando a vida...

Mas essa hora suprema em que se vive
quanto possa sonhar-se de ventura,
oh vida mentirosa, oh vida impura,
esperei-a, esperei-a, e nunca a tive...

Os lábios abrasados pela sede
mergulham-se na fonte, mas em vão...
Recresce a febre, porque a boca bebe
desejos que jamais se apagarão...

Apaga-se um desejo e um desejo nasce
Das cinzas frescas do desejo morto...



Vais Ser D'Outro

Vais ser d'outro, já sei, e não me importa...
Teu corpo vai ser d'ele mas assim
Como se fosse o corpo d'uma morta.

Tu'alma não, porque ma d'este a mim
Nessa hora de fé em que vivemos
Dentro da nossa torre de marfim...

Lembremos o passado, recordemos
Essa hora de fé e de verdade
E as juras desvairadas que fizemos...

Mas não, não vale a pena... Porque se há-de
Estar a revolver a cinza fria
D'um amor morto... e morto sem saudade?

P'ra que lembrar agora como ardia
A fogueira d'amor que se apagou
Por culpa nossa e nossa cobardia?

Se a nossa bela torre eburnea desabou
Para que errar agora entre as ruínas
Em busca da ventura... que passou?

A ventura sorriu-nos... e passou!
O nosso coração foi bem cobarde,
Viu-a passar por nós, não abraçou...

Depois quiz abraçá-la... e era tarde.



«O Meu Amor, Que Pobre Amor, Mulher!»

O meu amor, que pobre amor, mulher!
não era amor por ti, pois era apenas,
o desejo de amar e de viver...

O desejo de amar não sei o quê,
essa coisa tecida de ideal e sonho,
que se sente e deseja e se não vê...

A luz que nos beijava carinhosa,
essa luz que nos vinha não sei donde,
já se apagou na noite duvidosa...

Estendemos os braços p'ra diante
tacteando incertos pela treva
e abraçamos... a sombra flutuante.

O sol fecundo há-de apagar um dia
e as sombras espessas
hão-de envolver por fim a terra fria
que rolará no espaço como espectro d'uma
vida que foi e se extinguiu.

A sede de verdade que nós temos,
a sede insaciável que nos rala...

E então p'ra ti eu ergo mudamente
Uma súplica triste em meu olhar:
- que me fites assim eternamente,

que me cegues de tanto te fitar
'té que fique minh'alma enfim cansada,
cansada de te ver e de te amar...
Amar...? A borboleta alucinada
arremeça-se ao fogo que a seduz



Buscando a claridade desejada

Ao ver a luz jorrar de ti abaixo
também sinto um desejo não sofrido
de queimar-me no fogo dessa luz...

A isto chamo Amor, amor vivido...
Porque o resto não passa d'ilusão,
que se esvai como o fumo no ar perdido...

Corri atrás de sombras... sempre em vão
e os sonhos que criava a fantasia –
como nuvens de pó que d'esse chão...

Se erguessem p'ra beber a luz do dia –
erguiam-se p'ra logo mesmo os ver
desmanchados voltar à terra fria

Ânsia de Amar... viver



Há Em Mim Uma Força

Há em mim uma força que conduz
meus passos e uma febre que me leva
a levantar a fronte para a luz...

Tudo aspira à luz, tudo ao sol se eleva!
Aspirar – é a essência d'esta Vida,
embora após a luz só venha a treva...

Que importa que a poeira à luz erguida
volte a cair de novo pela estrada,
se n'um hausto supremo foi bebida
toda a luz que trouxe levantada?

Ânsia do pó – oh ânsia de submergir! –
eternamente morta e renovada...

Ninguém poderá nunca destruir
o teu impulso, oh Força do Universo!

Descer d'homem a pó – depois subir
De pó até homem: cair submerso



Notas De Edição

(1)

1ª edição: Tipografia Fonseca e Filho, Porto, 1912.

2ª edição: Flávio Laranjeira, Editor.

3ª edição (em dois volumes): Elefante Editores, Espinho, 1997.

Também inserido na íntegra em Obras de Manuel Laranjeira (Volume I), Edições Asa, Porto, 1993.

(2)

A primeira versão deste poema foi publicada na revista Gente Lusa-Arquivo de Letras e Artes, (Nº 2, Extraordinário), Praia da Granja, Fevereiro de 1916.

(3)

Publicado pela primeira vez, com o título «Prefácio Lírico: (Para uma Balada de Pedro Blanco)», na Límia-Revista Mensal Ilustrada de Letras, Ciências e Artes (Nº 3, Série 1ª), Dezembro de 1910, Viana do Castelo.

(4) (5)

in Orlando da Silva, Manuel Laranjeira, 1877-1912, Vivências e Imagens de uma Época, Edição do Autor, Vergada, 1992

(6)

Diferente no título e nalguns versos, datado de 1901, foi publicado pela primeira vez no jornal A Voz Pública, em 8 de Março de 1903.

(7)

Datado de 1897, foi publicado pela primeira vez no Nº 2 da revista Gente Lusa-Arquivo de Letras e Artes, Fevereiro de 1916.

Em nota de rodapé, os então responsáveis pela revista davam a seguinte informação:

«Afirmam-nos que este soneto foi o primeiro



que Manuel Laranjeira fez, inspirado numa moçoila de aldeia que viu numa romaria em Anta (subúrbios de Espinho), trazendo ao pescoço um crucifixo de ouro.»

(8)

Fazendo parte do caderno manuscrito Horas Negras (1900-1902), foi pela primeira vez publicado, em 1992, em Manuel Laranjeira, 1877-1912, Vivências e Imagens de uma Época.

(9)

Inédito. Este soneto faz parte do caderno manuscrito Horas Negras (1900-1902). Outra versão deste soneto encontra-se publicada na 1ª e na 2ª edições de Comigo-Versos dum Solitário, com o título «No Meio da Charneca».

(10)

Inédito. Este poema figura no caderno manuscrito Horas Negras (1900-1902).

(11)

Primeira versão do soneto «A Sós-I», datado de 1901 e publicado no jornal A Voz Pública, em 8 de Março de 1903.

(12)

Datado de 1902 e publicado pela primeira vez no Diário de Notícias, em 8 de Agosto de 1977.

(13)

Primeira versão do poema «A uma Romântica», datado de 11 de Fevereiro de 1906 e publicado na revista Gente Lusa-Arquivo de Letras e Artes, (Nº 2, Extraordinário), Praia da Granja, Fevereiro de 1916.

(14)

Manuscrito presentemente propriedade da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Publicado pela primeira vez na íntegra por Bernard



Martocq, em Manuel Laranjeira et son Temps (1877-1912).

(15)

Publicado pela primeira vez na revista Gente Lusa-Arquivo de Letras e Artes, (Nº 2, Extraordinário), Praia da Granja, Fevereiro de 1916.

Republicado em Manuel Laranjeira, 1877-1912, Vivências e Imagens de uma Época com a seguinte nota:

«A poesia "Andorinhas", de Manuel Laranjeira, serviu de inspiração a Flaviano Rodrigues para compor uma balada que dedicou a Berta Viana da Mota.

O desenho da capa do folheto é da autoria de Stuart Carvalhais. As três quadras foram extraídas do caderno manuscrito Cantigas.»

(16)

Este poema foi publicado pela primeira vez na revista Gente Lusa-Arquivo de Letras e Artes, (Nº 2, Extraordinário), Praia da Granja, Fevereiro de 1916.

(17)

Datadas de 1906, estas duas quadras foram publicadas pela primeira vez na revista Gente Lusa-Arquivo de Letras e Artes, (Nº 2, Extraordinário), Praia da Granja, Fevereiro de 1916.

(18)

Datado de Espinho, 16 de Fevereiro de 1906, com a indicação de inédito, este poema foi publicado pela primeira vez na revista Gente Lusa-Arquivo de Letras e Artes, (Nº 2, Extraordinário), Praia da Granja, Fevereiro de 1916.

(19)

Datado de Espinho, Fevereiro de 1906, foi publicado pela primeira vez na revista Gente Lusa-Arquivo de Letras e Artes, (Nº 2,

Extraordinário), Praia da Granja, Fevereiro de 1916.

(20)

A terceira quadra faz parte do soneto «A Tristeza de Viver», inserido na 1ª e na 2ª edições de Comigo-Versos dum Solitário.

(21)

Poema publicado pela revista Águia, Série II, Nº 9, Setembro de 1912.

(22) (23)

Manuscrito inédito, a lápis, não datado.

(24) (25)

Manuscrito inédito, não datado.



Referências Bibliográficas

Obras de Manuel Laranjeira:

- Manuel Laranjeira, *Comigo-Versos d'um Solitário*, Tipografia Fonseca & Filho, Rua da Pícaria, Nº 74, Porto; 30 de Janeiro de 1912. (1ª edição)
- Manuel Laranjeira, *Comigo-Versos d'um Solitário*, Flávio Laranjeira (Editor), Porto, 1923 (2ª edição); Depositário J. Pereira da Silva, Largo dos Loios, Nº 50, Porto. Composto e impresso na Tipografia de A Intermediária, Limitada, Rua da Porta do Sol, Nº 30 a 32, Porto; 30 de Julho de 1923. Esta edição insere uma sanguínea de António Carneiro, feita cerca de um mês após a morte do poeta.
- Manuel Laranjeira, *Comigo-Versos dum Solitário*, Elefante Editores, Espinho, 1997 (3ª edição). Esta edição insere uma «Introdução» de Antero Monteiro.
- Manuel Laranjeira, *Comigo-Outros Poemas*, Elefante Editores, Espinho, 1997 (3ª edição).
- Manuel Laranjeira, *Poemas Dispersos*, Elefante Editores, Espinho, 1997. Esta edição insere uma «Introdução» de António Regedor e uma ilustração de Nuno Lacerda Lopes.
- Manuel Laranjeira, *Obras de Manuel Laranjeira* (2 volumes), Organização, Prefácio e Notas Introdutórias de José Carlos Seabra Pereira, Edições Asa, Porto, Abril de 1993; Rua Mártires da Liberdade, 77, Porto.



Obras sobre Manuel Laranjeira:

- Bernard Martocq, Manuel Laranjeira et son Temps (1877-1912), Fundação Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, Paris, 1985.
- Orlando da Silva, Manuel Laranjeira, 1877-1912, Vivências e Imagens de uma Época, Edição do Autor, Vergada, 1992

ÍNDICE

Prefácio.....	3
COMIGO-VERSOS DUM SOLITÁRIO	
Comigo (Diálogo com a minha alma).....	8
À Tarde	24
A Tristeza de Viver	26
A uma Romântica	27
Sofres, bem sei! e sofres com vergonha.....	28
Prefácio Lírico para uma Balada.....	29
O Último Diálogo.....	30
Na Rua.....	31
Diálogo com um Fantasma.....	32
A Saciedade dos Insatisfeitos.....	33
Nada Resta Daquele Grande Amor.....	34
Carta a Ninguém.....	35
Palavras dum Fantasma.....	36
Palavras ao Meu Coração.....	37
Blasfêmia Inútil.....	38
De Jornada.....	39
Aos Amigos.....	40
A Sós.....	43
No Meio da Charneca.....	46
Vendo a Morte.....	47
POEMAS DISPERSOS E INÉDITOS	
Tenho Inveja ao Cristo Dolorido.....	51
Terra-Prometida.....	52
Aeterna Vox.....	53
De que Vale Viver a Desejar.....	54
No Sono das Coisas.....	55
Talvez tu Chores Nesta Hora – Eu.....	56
No Retrato duma Romântica.....	57
Cantigas.....	58
Andorinhas.....	59
Olhos.....	60
Saudade.....	65
À Minh'alma.....	66
'Inda que o Céu Fosse Escuro e sem Ninguém.....	67
Carta a A.....	68
Ânsia de Amar, oh Ânsia de Viver.....	69
Vais ser d'outro.....	70
O Meu Amor, que Pobre Amor, Mulher!.....	71



Há em Mim uma Força.....	73
Notas.....	74
Referências Bibliográficas.....	77

Colecção

digit@lmente

Título: **POESIA COMPLETA**

Autor: **MANUEL LARANJEIRA**

Capa: **M.Lopes**

Edição em Formato Livro: **Outubro de 1998**

Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:
elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997

